

## A queda das Exportações de Industrializados e o que Esperar para a Produção Industrial no ano de 2009

Junho/2009

### Sumário Executivo

- No Brasil, o setor industrial foi o que mais sentiu os desdobramentos da crise mundial.
- A forte queda da atividade industrial verificada no 4º trimestre de 2008 (-20%) ainda está longe de ser compensada, dada a fraca evolução dos indicadores dos 4 primeiros meses de 2009.
- Além do fraco desempenho em 2009, deve-se destacar que a maior parte da queda (72,6%) se concentra em um grupo de 10 setores de atividade. Setores estes que possuem elevados efeitos multiplicadores sobre o emprego, sobre a renda, e sobre a demanda por insumos de outros setores de atividade.
- O setor com maior participação de exportação na produção é o industrial, com aproximadamente 20%, seguido pela agricultura com aproximadamente 11%.
- Segundo pesquisa realizada pela FIESP, espera-se uma queda no valor em dólares das exportações de produtos industrializados de 35% em relação ao ano de 2008, queda esta sem precedentes na série histórica.
- Considerando-se uma taxa de câmbio médio de 2,0 R\$/US\$, versus 1,8 R\$/US\$ no ano passado, as exportações causariam uma redução direta de 5,5% da atividade industrial em relação a 2008.
- A perda de vendas externas acarreta adicionalmente perda da produção doméstica de insumos utilizados nos produtos exportados, aqui chamados de efeitos indiretos na cadeia produtiva. Avaliando-se também estes efeitos indiretos, tem-se o impacto total de redução da atividade de 8,8%.
- As perspectivas para as exportações de produtos industrializados citadas acima já impõem forte perda para a produção industrial. Um bom desempenho do mercado doméstico poderia compensar, ainda que parcialmente, esta forte queda. Porém, dado o fraco desempenho dos fatores condicionantes da demanda interna (crédito,

confiança do consumidor, emprego e renda), tem-se que o mercado interno deverá manter-se estável ou com pequeno crescimento no ano de 2009, o que resulta em uma expectativa de queda na atividade industrial brasileira de 7,5% em relação a 2008.

### Fatos, diagnósticos e perspectivas

Os dados de produção industrial referentes ao 1º quadrimestre de 2009 indicam um ritmo lento de recuperação do setor industrial. Embora a produção industrial tenha apresentado crescimento de 6,2% na comparação de abril/09 com dezembro/08, essa expansão foi insuficiente para neutralizar a queda de 20,0% verificada entre setembro e dezembro de 2008. Assim, na comparação do 1º quadrimestre de 2009 em relação ao mesmo período de 2008 a produção industrial registra contração de 14,7%. Dessa queda, cerca de 72,6% é atribuída ao forte recuo do nível de atividade industrial de um pequeno, mas importante, grupo de setores aqui relacionados na tabela 1.

**Tabela 1: Produção Industrial - Setores da indústria com quebra estrutural (%)**

Setores da Indústria com Quebra Estrutural						
Setores	Peso	Acum. Ano	Evolução T/T-12			
			jan/09	fev/09	mar/09	abr/09
Artigos borracha e plástico	3.9	-20.5	-23.3	-22.5	-16.1	-20.2
Prod. minerais não-metálicos	3.9	-7.4	-6.6	-7.9	-5.9	-9.4
Metalurgia básica	5.9	-30.0	-31.5	-31.6	-29.2	-27.9
Prod. metálicos - excl. máquinas	3.6	-20.7	-23.3	-26.1	-16.5	-18.0
Máquinas e equipamentos	5.8	-29.3	-25.5	-32.1	-27.2	-32.3
Máq., aparelhos e mat. elétricos	2.6	-26.8	-24.9	-28.2	-33.5	-26.5
Veículos automotores	7.0	-26.6	-34.2	-29.9	-18.5	-24.9
Outros Produtos Químicos	7.5	-18.3	-30.1	-22.4	-10.1	-9.7
Mat. Elétrico, apar. e equip. de comunicação	2.9	-43.1	-45.9	-44.3	-38.9	-44.0
Mobiliário	1.3	-15.5	-22.5	-18.7	-3.3	-17.2
<b>Participação no Total / Média Simples</b>	<b>44.3</b>	<b>-23.8</b>	<b>-26.8</b>	<b>-26.4</b>	<b>-19.9</b>	<b>-23.0</b>
<b>Contribuição na Redução de 14.7% em p.p</b>	<b>-10.7</b>					
<b>Contribuição Percentual</b>	<b>72.6</b>					

Fonte: Elaborado pelo Depecon/Fiesp a partir dos dados do IBGE.

Além do peso relevante que representam na indústria total (cerca de 44,3%), esses setores são de grande importância em virtude do dinamismo que desempenham sobre a indústria de transformação. Esses setores estão sendo duramente afetados pela abrupta queda nas exportações e pela postergação dos projetos de investimentos em resposta à deterioração das expectativas de crescimento da demanda e do encarecimento do crédito.

Identificamos nos setores relacionados na tabela 1 o que na teoria econômica é denominado como quebra estrutural. Quebra estrutural é definida por uma alteração substancial no nível, alteração esta de caráter permanente em uma dada variável econômica. Em resposta ao choque externo adverso ocorrido no último trimestre de 2008 (severa contração do crédito doméstico e externo), o nível de produção industrial de um determinado setor é deslocado de forma permanente para um patamar inferior ao vigente no período imediatamente anterior ao choque. É exatamente isso que ocorreu nos setores listados na tabela 1.

Com relação às exportações, é fato que a forte retração do comércio internacional afetou de maneira substancial as exportações brasileiras de produtos industrializados. No 1ª trimestre do ano, o *quantum* das exportações de produtos industrializados contraíram significativos 25,5% em relação ao mesmo período do ano anterior. Considerando que em média a indústria exporta 20% do que produz, apenas o setor externo seria responsável direta e indiretamente na cadeia produtiva por grande parcela da queda observada da atividade industrial no período.

**Tabela 2: Exportação em *Quantum* - Setores da indústria com quebra estrutural (%)**

Setores	mar/09 vs	mar/09 vs	Acumulado	
	fev/09	mar/08	No ano	12 meses
Artigos borracha e plástico	21.0	-13.8	-29.2	-12.7
Prod. minerais não-metálicos	20.4	12.8	-21.7	-5.7
Metalurgia básica	25.6	4.9	-20.9	-8.8
Prod. metálicos - excl. máquinas	23.3	-16.2	-26.1	-1.3
Máquinas e equipamentos	6.5	-30.4	-36.0	-9.4
Máq., aparelhos e mat. elétricos	48.4	-19.3	-28.5	-7.6
Veículos automotores	18.6	-46.1	-52.7	-17.7
Outros Produtos Químicos	35.3	9.9	-15.0	-10.3
Mat. Elétrico, apar. e equip. de comunicação	40.8	-13.1	-30.2	-8.3
Mobiliário	9.9	-15.0	-17.2	-8.7

Fonte: Elaborado pelo Depecon/Fiesp a partir dos dados da Funcex.

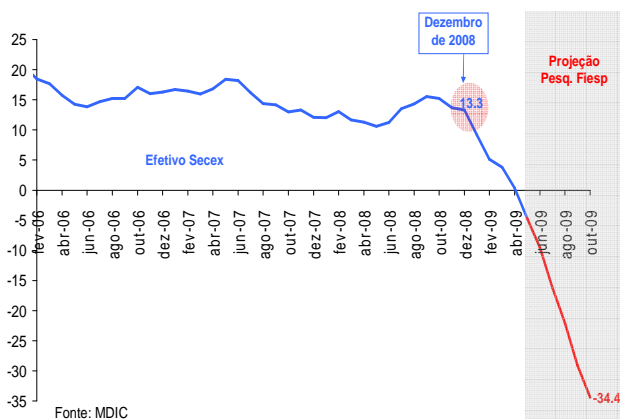
A tabela 2 apresenta o desempenho recente das exportações, em *quantum*, dos setores da indústria em que identificamos a existência de quebra estrutural. No 1º trimestre de 2009 em comparação ao 1ª trimestre de 2008 todos os setores listados sofreram quedas expressivas no *quantum* exportado. As maiores quedas do *quantum* exportado no 1º trimestre foram registradas nos setores de Veículos automotores e Máquinas e equipamentos em que se observou recuo de 52,7% e 36,0%, respectivamente.

Nesse sentido, o que esperar para as exportações de produtos industrializados para os próximos meses? Os prognósticos para a economia mundial, e consequentemente para o fluxo de comércio internacional, desenham um cenário nada animador para as exportações de produtos industrializados em 2009. O FMI em seu relatório *World Economic Outlook* de Abril de 2009 sugere que a crise global será severa e de longa duração e a sua retomada será letárgica. Diante dessa perspectiva, o FMI prevê uma queda para o volume de comércio mundial em 2009 da ordem de 11%.

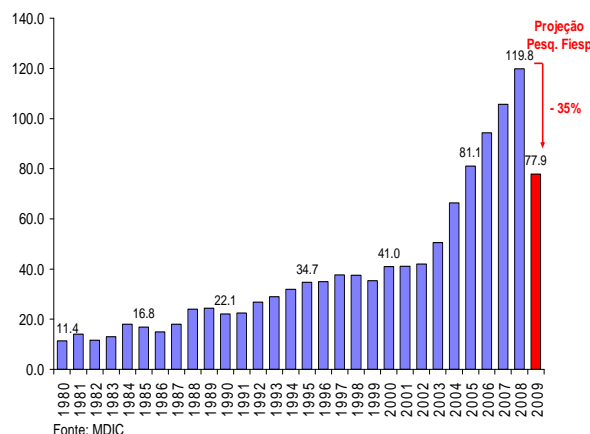
Em linha com essa perspectiva, o Indicador Fiesp de Perspectivas de Exportações de Junho de 2009 aponta para uma contração de 39,8% das exportações brasileiras de produtos industrializados no 1º semestre de 2009 em relação ao 2º semestre de 2008. Para os 12 meses a serem encerrados em outubro de 2009 a pesquisa aponta para uma

queda de -34,4% para as exportações dessa classe de produtos (gráfico 1). As perspectivas para as exportações de produtos industrializados, sinalizadas pela pesquisa Fiesp, apontam para uma queda em torno de 35,0% para as vendas externas dessa classe de produtos em 2009, uma queda que não encontra precedente na série histórica (gráfico 2).

**Valor das Exportações de Industrializados – Acumulado 12 meses (%)**



**Valor das Exportações de Industrializados (Ano) - US\$ bilhões**



Considerando-se que os setores industriais são interligados, essas fortes oscilações das exportações verificadas acabam se propagando sobre a cadeia produtiva de maneira direta e indireta. Os efeitos diretos são mensurados pelos impactos que eventuais alterações das exportações ocasionam em determinado setor industrial exportador. Os efeitos indiretos na cadeia produtiva, por sua vez, concentram-se nos choques sobre os demais setores industriais não necessariamente exportadores, mas que fornecem para as empresas exportadoras. Dessa maneira, a queda das exportações da indústria automotiva, por exemplo, reduziu também a produção de aço, autopeças, plásticos, químicos entre outros.

Combinando-se os resultados do Indicador FIESP de Perspectivas de Exportações, que sinaliza uma redução das exportações de produtos industrializados de 35% em 2009, com análises utilizando-se modelos do tipo Insumo-Produto e matrizes de coeficientes

Intersetoriais (Matriz de Coeficientes Técnicos de Leontief) disponibilizadas pelo IBGE, os impactos sobre a indústria seriam os seguintes (no exercício foi considerado uma taxa de câmbio médio de R\$/US\$ 2,0 que resulta numa queda das exportações em R\$ de 29% em 2009):

- Efeito direto sobre a produção industrial de -5,5%;
- Considerando também os efeitos indiretos na cadeia produtiva, o efeito total (efeito direto + indireto na cadeia produtiva) sobre a produção industrial seria em torno de -8,8%;

Para se ter uma noção clara do cenário deprimido que se configura para a indústria em 2009, para que a produção industrial registre uma queda de 7,0% em 2009, por exemplo, seria necessário uma expansão média de 1,7% ao mês entre Maio e Dezembro, ou seja, um crescimento acumulado de 14,8% nesse intervalo. Apenas entre Maio e Dezembro de 1994, como reflexo do sucesso da reforma monetária introduzida em Junho de 1994 que provocou um *boom* no consumo, foi observado um ritmo de crescimento dessa magnitude (o crescimento acumulado naquele período foi da ordem de 16,7%).

Os fatores alentadores para a indústria no 1º quadrimestre de 2009 foram os estímulos tributários concedidos pelo governo às vendas de alguns produtos industriais, com destaque aos bens duráveis de consumo, com a redução do IPI para os setores de veículos automotores, linha branca e insumos da construção civil. Entretanto, em perspectiva, o problema reside no fato que os setores de bens intermediários e de capital responderem por aproximadamente 60% da produção industrial, e são exatamente esses setores como é mostrado na tabela 1, que mais sentiram e provavelmente continuarão a ser os mais afetados pelos efeitos adversos da crise internacional, seja porque são setores intimamente ligados à demanda externa, seja porque são setores fortemente ligados aos investimentos.

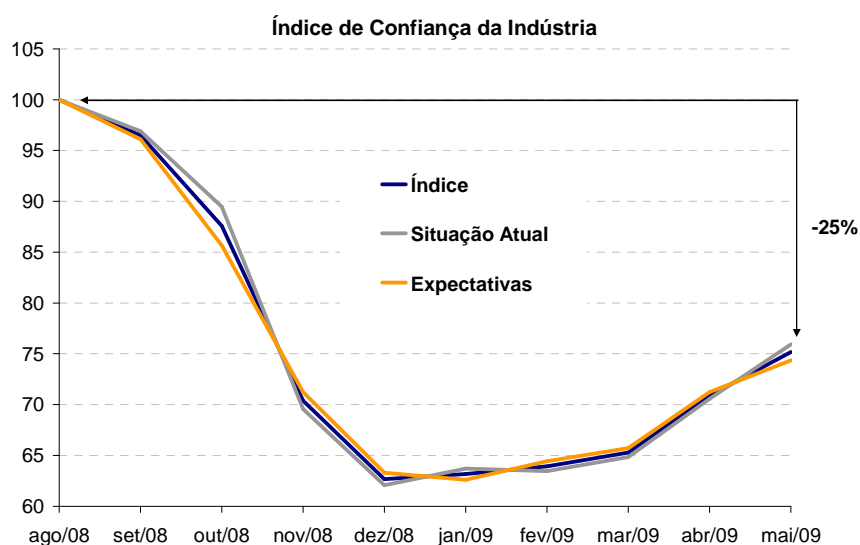
Ao se descartar o canal externo como possível vetor de impulso ao crescimento da produção industrial, resta concentrar a análise nos possíveis condicionantes da demanda doméstica que poderão possibilitar um alento à produção industrial, a saber:

- confiança do empresariado industrial, que indica se a disposição para investimento é alta ou não;
- disponibilidade de crédito para financiamento das empresas;
- disponibilidade de crédito para financiamento do consumo das famílias;
- mercado de trabalho e renda que influenciam a decisão de consumo e de tomada de empréstimos pelas famílias;

Como é mostrado nos gráficos abaixo, não é possível a partir do comportamento recente desses condicionantes da demanda interna extrair algum otimismo para produção industrial para o restante do ano.

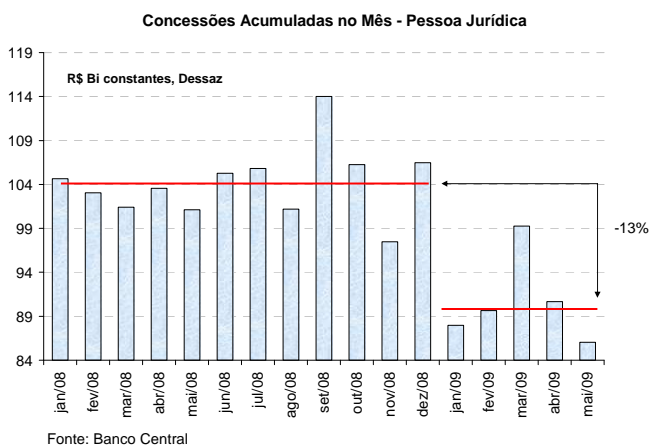
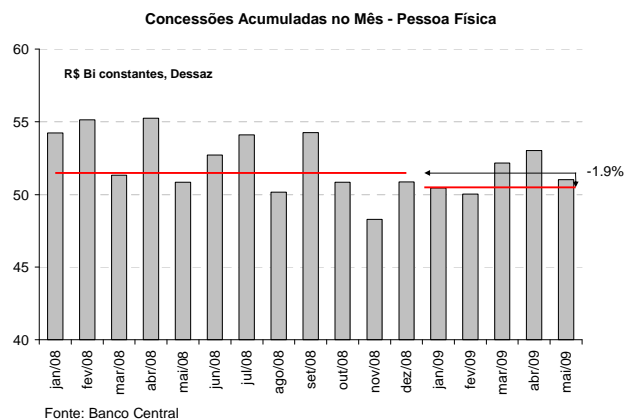
A confiança do empresariado apesar da recuperação observada nos primeiros meses do ano, o nível de Mai/2009 se encontra 25% abaixo do valor verificado em Ago/2009 (gráfico 3). A forte deterioração da confiança do empresariado industrial se refletiu no fraco desempenho na Formação Bruta de Capital Fixo (componente do PIB sob a ótica da demanda) que no 1º trimestre contraiu severos 14,0% em relação ao 1º trimestre de 2008.

**Gráfico 3: Índice de Confiança da Indústria**



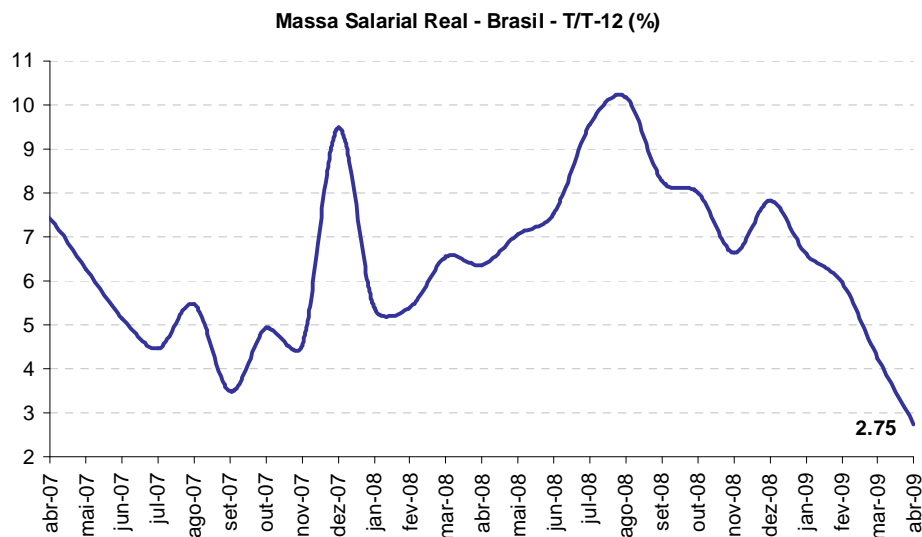
Fonte: FGV

O ritmo de concessão de crédito para a pessoa jurídica ainda se mostra contido. De fato, como se pode observar no gráfico 4, a concessão média entre Jan/2009 e Mai/2009 está 12% abaixo da média verificada ao longo do ano de 2008. A concessão de crédito para pessoa física por sua vez mostra um dinamismo mais favorável, com a concessão para essa categoria de cliente caindo apenas 1,9% na mesma base de comparação (ver gráfico 5). Por outro lado cabe salientar que a acomodação do ritmo de crescimento da renda aliado ao aumento da inadimplência para pessoa física que atingiu 8,6% em Mai/2009 (o maior nível da série histórica iniciada em Mai/2000), poderá implicar em queda do ritmo de concessão para a pessoa física nos próximos meses. Estes condicionantes também limitam a capacidade de contribuição do crédito ao crescimento da demanda interna.

**Gráfico 4:****Gráfico 4: Concessões Acumuladas no Mês - Pessoa Jurídica****Gráfico 5:****Gráfico 5: Concessões Acumuladas no Mês - Pessoa Física**

E finalmente, a massa real de rendimentos em resposta à desaceleração do mercado de trabalho vem mostrando esgotamento na sua taxa de crescimento, ritmo esse que poderá ganhar força devido aos efeitos defasados da crise sobre o nível de pessoal ocupado e o rendimento do trabalho (gráfico 6).

**Gráfico 6: Massa Salarial Real (Taxa de Crescimento T/T-12)**



Fonte: IBGE; Elaboração: Fiesp

Em suma, na esteira de uma forte contração do comércio mundial e de condições menos favoráveis a realização de investimentos, os setores de intermediários e de bens de capital devem conduzir a uma contração da atividade industrial em 2009, que por nossa simulação com a matriz Insumo-Produto seria de 8,8%.

Os prognósticos que podem ser traçados para os determinantes da demanda interna como confiança, crédito, mercado de trabalho nos leva a crer que a demanda doméstica, ainda que consiga apresentar algum crescimento positivo, este deverá ser bastante modesto, de forma que não poderá compensar o forte efeito negativo derivado da severa forte queda da demanda externa.

Diante destes argumentos, acreditamos que a produção industrial em 2009 poderá registrar uma contração de pelo menos 7,5%.